

**ASPECTOS DO PROCESSO DE ESPECIALIZAÇÃO DA CRÔNICA ESPORTIVA  
EM FORTALEZA (1921-1930).****VICENTE MOREIRA MAIA NETO<sup>1</sup>**

*A maior prova do alcance e do enraizamento cultural daquela atividade [futebol] está no fato de que, embora ela envolva profundamente, de forma direta ou indireta, larga porção da população ocidental, poucas vezes se coloca a questão essencial: qual é o fascínio do futebol? (FRANCO JR.: 2007, p. 165).*

Muito embora esta pergunta encerre certo aspecto irracional, ou mesmo essencial, das causas e motivos que explicam o fenômeno esportivo do futebol no mundo, o fundamental não é pensar as características primeiras do envolvimento do homem com o futebol, ou do homem com o jogo (HUIZINGA: 2008), coisa fora de alcance, pois se trata de uma psicologia (vivência) e de uma filosofia (condição humana) improvável para o conhecimento histórico, marcadamente indutivo no seu procedimento e parcial em seus resultados.

O desafio inicial, ao ler esta passagem, é perceber o futebol como um problema sociológico, com sua própria historicidade, mas sem perder de vista que ele é uma “atividade” que “envolve larga porção da população ocidental”, numa multiplicidade de práticas, “de forma direta ou indireta”, relacionadas ao jogo.

Gostaria de pensar nesta pergunta como ponto de partida para diferenciar determinadas práticas<sup>2</sup> em torno do futebol, certas objetivações específicas que são discursivamente e politicamente diferentes entre si, muito embora possam enganar sob o tecido unificado da ideologia e da análise dicotômica que polariza infraestrutura e superestrutura; experiência e consciência; natureza e cultura<sup>3</sup>. Isto porque o “enraizamento cultural” do futebol não se explica pela transcendência do poder político ou das relações econômicas, mas pela imanência das práticas políticas e discursivas<sup>4</sup>. É preciso dizer ainda que estas práticas não me deixam

<sup>1</sup>Mestrando em História Social pela UFC. Bolsista CAPES.

<sup>2</sup>“A prática não é uma instância misteriosa, um subsolo da história, um motor oculto: é o que as pessoas fazem” (VEYNE: 2008, p. 148). A prática é a “parte oculta do *iceberg*”. Portanto, a parte oculta de uma prática, continua a ser o que é praticado; e a parte oculta do discurso, continua a ser o que é dito. Pois não é nada implícito, essencial, inconsciente ou racional, porque o oculto do *iceberg* continua a ser gelo.

<sup>3</sup>“Julgar as pessoas não é julgá-las por suas ideologias; é, também, não as julgar a partir de grandes noções eternas – os governados, o Estado, a liberdade, a essência política – que banalizam e tornam anacrônica a originalidade das práticas sucessivas.” (VEYNE: 2008, p. 148).

<sup>4</sup>Falar sobre prática discursiva é ter em mente o acontecimento do discurso, sua ordem, usos e funções. “E se quisermos, não digo apagar esse temor [das formas e temas que elidem a realidade dos discursos, tais como o sujeito (escrita), a experiência (leitura) e a mediação (troca)], mas analisá-lo em suas condições, seu jogo, seus

embaraçado com o Estado, ou com a luta de classes, mas as representam<sup>5</sup> segundo os procedimentos de uma época.

Explico-me. É muito diferente o que é feito do futebol se tomamos como base de comparação o que os jogadores, torcedores e cronistas fazem e fizeram dele ao longo da história<sup>6</sup>. Mesmo assim, não é incomum que se chegue à conclusão de que a eugenia social e a pedagogia da educação física exerceram forte “influência” sobre o jogo, no corpo e nas mentes dos praticantes (MIRANDA, 2000). Não é incomum também que se perceba no futebol o germe da luta de classes, opondo matrizes contrárias da prática do esporte, uma de origem operária, outra de origem aristocrática/capitalista (PINTO, 2005).

Não quero dizer com isto que estas conclusões não passam de falácia, pois eu mesmo as percebo, mas que não esclarecem muita coisa sobre a prática discursiva e política de médicos e governantes, por exemplo, que almejam o desenvolvimento da raça brasileira, ou da pátria cearense em meados da década de 1920; nem esclarece a prática do desenvolvimento muscular dos atletas (inclusive mestiços); ou as práticas das torcidas (inclusive *sportmen*) em

---

efeitos, é preciso, creio, optar por três decisões às quais nosso pensamento resiste um pouco, hoje em dia, e que correspondem aos três grupos de funções que acabo de evocar: questionar nossa vontade de verdade; restituir ao discurso seu caráter de acontecimento; suspender, enfim, a soberania do significante.” (FOUCAULT: 2011, p. 51). Entre outras coisas, quer dizer que os discursos possuem uma materialidade incorpórea, que possuem séries descontínuas e que existe uma causalidade do irracional (do acaso). Ver p.p. 57-59. Isto é bem diferente do “inconsciente” ou do “motor da história”, pois remete a determinado espaço de feitura dos discursos, certa “gramática” do discurso.

<sup>5</sup> Para Chartier (2002, p. 17), as representações são “pontos de afrontamento tanto mais decisivos quanto menos imediatamente materiais”, são aspectos sociais que dão a ver certa apresentação consciente da sociedade e certa ausência do representado, são práticas discursivas que representam práticas sociais e políticas. De forma parecida, Huizinga (2008, p.p. 16-17) entende que o jogo é uma representação de um conflito ao mesmo tempo em que é uma batalha que representa alguma coisa. Não existe jogo fora da dimensão competitiva, ou de representação da competição. “A função do jogo, nas formas mais elevadas que aqui nos interessam, pode de maneira geral ser definida pelos dois aspectos fundamentais que nele encontramos: uma luta por alguma coisa ou a representação *de* alguma coisa. Estas duas funções podem também por vezes confundir-se, de tal modo que o jogo passe a ‘representar’ uma luta, ou, então, se torne uma luta para melhor representar alguma coisa.” Desta forma, a crônica é uma representação política e social do jogo.

<sup>6</sup> Para Paul Veyne e para Michel Foucault, “o que é feito” se relaciona “com um fazer”, a produção se relaciona com uma prática. A isto, Foucault deu o nome de “descentralização do sujeito”, do “significante” da ordem do discurso, ao debruçar-se sobre a “materialidade incorpórea” do que é dito por meio da escrita, seus usos e funções (vontade de verdade, função do autor, mediação de séries descontínuas, racionalidade do acaso). Para Thompson, uma ação ou acontecimento se relaciona com uma prática social subjetivada, como, por exemplo, a ação dos “negros” nas florestas dos reis ingleses durante o século XVI se relacionar com a experiência e a cultura “plebeia”, em oposição à experiência e cultura “patrícia”. A mesma coisa vale para a formação da classe operária, mas não dá pra dizer que um “plebeu” é a mesma coisa de um “operário”. Embora se trate de uma diferença enorme, partir da “objetivação” das práticas sociais, ou da “subjetivação” das práticas sociais, ambos convergem para o entendimento das práticas culturais e sociais em diferenciação com a ideologia. Afinal de contas, Thompson não é Kovaliov, pois a luta de classes se dá por meio da experiência dos homens no tempo; nem Foucault é Ranke, pois as palavras enganam e é por isso mesmo que se deve entender o que realmente elas são: práticas discursivas. No trabalho aqui presente, parto da objetivação das práticas sociais.

dias de jogo, atirando objetos nos goleiros adversários<sup>7</sup>; ou os cronistas e aquilo que são objetos de suas descrições.

Não esclarece também o processo de profissionalização do futebol, nem o processo de construção de identidades nas metrópoles vinculado a este esporte e às questões do lazer operário. Isto porque os procedimentos, as objetivações específicas, guiam-se segundo “gramáticas<sup>8</sup>” que subsidiam convenções, técnicas, termos de uma questão, que Baxandall (2006) formulou sob os conceitos de “encargos e diretrizes<sup>9</sup>” de um objeto cultural. Dessa forma, o processo histórico se movimenta segundo as transformações dessas gramáticas, indicando o próprio “enraizamento cultural” de uma “atividade”.

Portanto, o futebol é mobilizado e mobiliza segundo os usos e as funções que nele se encontram, ou segundo os encargos e as diretrizes de quem com ele se relaciona<sup>10</sup>. E ainda podemos ver, de forma indutiva, o que e quem ele representa. Mas se olharmos com atenção, o que se encontra normalmente é o caminho inverso, em prejuízo da crônica esportiva, muitas vezes tomada como ilustração para se perceber as representações das práticas de outros grupos sociais, ou visão de mundo de um autor ou momento histórico específico (ANTUNES: 2004). Mesmo quando se quer entender qual é o fascínio do futebol em termos do que dele se

<sup>7</sup> Jornal “O Nordeste” de 21/07/1922. Coluna “Desportos”, p. 02.

<sup>8</sup> “Enfim, o discurso e sua gramática oculta não são o implícito; não estão logicamente contidos no que é dito ou feito, não constituem sua axiomática ou pressuposto, pelo fato de que o que é dito ou feito tem uma gramática casual e não uma gramática lógica, coerente, perfeita.” (VEYNE: 2008, p. 253).

<sup>9</sup> Partindo do princípio de que “o que é feito” se relaciona “com um fazer”, Baxandall (2006) propõe o seguinte esquema: o objeto cultural terminado é explicado (descrito) pelos termos do problema (encargo e diretrizes da produção) e possibilidades culturais do período (funções correntes e não correntes). No entanto, o autor faz três observações pertinentes: I – “A verdade é que lidamos com o resultado pronto de uma atividade cujo processo não temos condições de recontar.” (p. 47). O processo do qual o autor fala é o de execução, pois o ato de explicação é incompatível com a linguagem do objeto, seja ele visual ou textual (ver p.p. 32-34); II – Em contrapartida existe uma simetria entre explicação e objeto, pois os dois possuem intencionalidades: “Lidamos com um objeto que foi produzido de modo intencional, e não com o subproduto documental de uma atividade.” (p. 47); III – A descrição das práticas levam em conta as possibilidades culturais, tanto as correntes quanto as não correntes – o que Paul Veyne chama de “gramáticas vizinhas” e “práticas sucessivas”. (ver p. 63). O que é feito se relaciona com a produção e com a gramática.

<sup>10</sup>No caso da relação entre futebol e imprensa, o encargo é duplo, pois em relação ao futebol existe o termo do problema enquanto jornalismo e enquanto gênero literário. No caso, para a imprensa, o que interessa é descrever e representar a sociedade. Quanto à crônica esportiva, o que interessa é descrever e representar o jogo. As diretrizes variam de duas formas: quanto ao texto jornalístico (se é uma crônica, um ensaio, telegrama, ou anúncio) e quanto ao periódico que veicula os discursos (Jornal “O Nordeste”, “O Povo”, ou “A Esquerda”, por exemplo). Os encargos e as diretrizes podem mudar ainda segundo outro elemento: a mudança da “gramática” (função corrente) sob a qual se realiza a crônica esportiva, que entendo situar-se na passagem do amadorismo para o profissionalismo do futebol, que consiste no processo de especialização do gênero literário em questão e do próprio jornalismo em relação ao esporte.

faz, a crônica é ponto de partida para as práticas sociais e literárias (CAPRARO: 2007), mas não da sua prática enquanto integrante da imprensa.

Que a crônica esportiva é social e gênero literário nunca duvidei, mas seu fazer-se é no interior da imprensa, segundo sua relação como futebol. A crônica é a mola mestra da relação entre futebol e imprensa. A crônica é gênero literário, prática discursiva da imprensa e representação do futebol. “Qual o fascínio do futebol?” tomando como objeto a crônica é entender os procedimentos e o processo histórico da relação futebol e imprensa, perpassando a profissionalização e a construção de identidades nas metrópoles, mas principalmente, o seu processo de especialização.

A seguir, falarei sobre o processo de especialização da imprensa esportiva e sua relação com o futebol amador. Falarei também sobre os procedimentos discursivos da crônica no interior da imprensa, e da imprensa sobre ela mesma, o jogo, seus encargos e diretrizes e funções correntes (Baxandall: 2006, ver p. 71 e p.63, respectivamente).

### **A especialização da crônica esportiva – futebol amador em Fortaleza.**

O processo de especialização da crônica esportiva pode ser percebido estruturalmente a partir dos tipos de textos jornalísticos que foram incorporados à coluna de desportos. No início (década de 1920), a “crônica desportiva” em Fortaleza realizava o noticiário parcial dos jogos, informando o local, data e horário das partidas e descrevendo-as, narrando-as para os leitores. No entanto, a imprensa abria vários canais de interlocução com o esporte, em especial com o futebol, multiplicando as funções e usos dos textos em relação ao jogo. No decorrer da década de 1920, as “colunas desportivas” dos periódicos fortalezenses vão incorporando estas várias funções e usos, dando origem à sistematização da coluna esportiva dos jornais e à primeira revista especializada em esportes da cidade, “Sports”, em 1923.

Um destes textos jornalísticos eram as crônicas sociais. Nestas crônicas, o futebol era notícia sob duas formas. A primeira, mais usual, consistia nos anúncios dos clubes e instituições esportivas de suas festas, ou reuniões, ou eleições – que também podiam ser noticiadas após visita de um dos diretores à redação dos jornais, sendo escrita sob as palavras dos próprios jornalistas. Normalmente eram nestes anúncios que o autor registrava sua

assinatura<sup>11</sup>, seguida de seu cargo na diretoria do clube. No caso de serem escritos pelos jornalistas, estes deixavam bastante claro com um:

*Esteve em nossa redacção uma comissão do “Ceará Sporting Club”, composta dos distintos cavalheiros Aluisio Barroso, presidente daquela sociedade desportiva, Antonio Ferreira Braga e dr. João de Deus Cavalcanti, para nos convidar a assistirmos à festa inaugural da nova sede do aludido club, no dia 22 próximo, às 21 horas. Far-nos-emos representar com agrado. (Jornal “O Nordeste, 20/07/1922, p. 02).*

A segunda forma de texto sobre o futebol – e os esportes –, que se encontravam nas colunas sociais, eram as crônicas. Estas podiam ser também de dois tipos: descrição<sup>12</sup> dos saraus, *meetings*, festas, homenagens, etc. que os clubes promoviam; e crítica à prática do futebol fora do seu lugar específico de jogo, constituindo uma questão de limpeza urbana, moral e, portanto, assunto de polícia.

*Não obstante já, por mais de uma vez, haveremos clamado contra o abuso [inqualificável?] que se verifica com o [funcionamento?] de um jogo de foot-ball, praticado por menores desocupados e mal educados, na praça do Carmo, o sr. Dr. delegado de Polícia ainda não se dignou de voltar as suas vistas para aquelas paragens. Os actos religiosos que diariamente funcionam na matriz d’aquela praça merecerão, acaso, ser assim perturbados? Esperamos que s. s. reprima quanto antes tal abuso. (Jornal “O Nordeste, 20/07/1922, p. 02).*

Daí deriva que tanto os clubes, quanto o jogo encerravam encargos e demandas sociais. Primeiro, cabe registrar que o objetivo das colunas sociais era promover e descrever a

<sup>11</sup>“De ordem do Snr Presidente, convido os Snrs Membros do Conselho Superior para a sessão extraordinária que se realizará amanhã, 03 do corrente, às 19 horas. Devendo se tratar nesta reunião da urgente reforma do Estatuto, a mesma se realizará com o numero que comparecer. Sadi Picanço - Secretario” (Jornal “O Nordeste”: 02/02/1923, p. 04).

<sup>12</sup>“Sabado, 22 do corrente, revestido de muito brilhantismo, realizou-se a inauguração da nova sede do ‘Ceará Sporting Club’, à rua Senador Pompeu. Às 20 horas já era grande o numero de [convidados?], apresentando o palacete um aspecto encantador, dada a profusão de luz tanto interior como exteriormente. O prédio inaugurado possui todos os requisitos exigidos para o fim a que se destina. É de ver o bom gosto que presidiu a [organização?] de dois amplos salões, que se comunicam por duas [ilegível] arcadas das quaes estão gravados lindos escudos alvinegros. Às 21 horas, no meio da mais franca cordialidade, tiveram inicio as danças, sendo, nos intervalos, servidos às sras. e senhoritas finos sorvetes e doces variadíssimos. À meia noite o sr. Jacyntho Guimarães, num discurso breve e bem cuidado, inaugurou no salão principal do Club o retrato do seu jovem presidente Aluisio Barroso. O orador teve palavras elogiosas ao ‘Ceará’, brindando-o na pessoa do homenageado. Falou em seguida, representando os jornaes da terra, o sr. Ellias Mallmann, que foi aplaudido vivamente pelos presentes. Por fim, o presidente do Ceará, em ligeiro improvisado, agradeceu a homenagem dos seus companheiros, mostrando-se surpreso ante aquela demonstração de carinho e apreço. Terminada essa agradável ‘hora literária’, recomeçaram as damas, que se prolongaram até a aurora do dia 23. Fazendo votos pela prosperidade do alvinegro, aproveitamos o ensejo para agradecer aos seu diretores a atenção e às gentilezas dispensadas ao nosso representante.” (Jornal “O Nordeste”: 24/07/1922, p. 02).

vida social fortalezense, representando a imprensa onde fosse lugar de distinção social – caso dos clubes de futebol e instituições esportivas – e criticando os espaços da cidade em que ocorriam transgressões à ordem, tal qual o jogo de futebol praticado por crianças “desocupadas” na Praça do Carmo, atrapalhando a missa.

No caso, a manutenção da ordem é uma primeira diretriz das colunas sociais, própria do jornal “O Nordeste”, empenhado em várias campanhas do gênero, seja contra o jogo, a prostituição, a bebida alcoólica, ou o futebol na praça<sup>13</sup>. Outra diretriz, diz respeito à função desempenhada pelo autor que assina seu nome: aquele que ocupa determinada função social de relevo (um padre, um literato, um cientista, um secretário do Ceará). O cronista, no caso, que não se apresenta literalmente, não é considerado uma figura de relevo, apenas descreve, é apenas um “representante” do jornal.

Ainda se poderia falar das representações das colunas sociais, principalmente sobre qual a função de um clube de futebol, ou sobre quem e onde era permitido jogar. Mas essas representações sobre os grupos e espaços sociais da cidade vão merecer atenção em outro momento e lugar.

Outra forma de texto jornalístico que aborda a temática do esporte e do futebol são os ensaios. Esse texto normalmente aparece no interior da coluna esportiva, muito embora ocorra também na coluna social. Estes ensaios abordam as funções físicas e a importância do desenvolvimento de uma educação não só intelectual e moral, mas também do corpo<sup>14</sup>. Falam de alimentação<sup>15</sup>, desenvolvimento muscular e educação física. O interessante é que este tipo de texto tinha caráter fortemente pedagógico, debatendo sobre a degradação moral a partir da degradação do corpo, chegando a associar educação infantil e desenvolvimento muscular, educação e degradação/desenvolvimento da raça.

Não se trata, como pretendi prevenir, de uma ideologia que influencia no jogo, mas de pensar as diferentes práticas discursivas em torno da educação física e posteriormente as suas representações, pois é diferente um governante que pretende o desenvolvimento físico e moral

<sup>13</sup>Ver em especial os meses de novembro, dezembro e janeiro, entre 1922 e 1923, onde se desenvolve uma campanha maciça do jornal contra a desordem, o vício e a imoralidade no estado.

<sup>14</sup>“A decadencia do homem moderno está estampada em seus estygmas somáticos, psychicos e sociaes. Os principaes factores, senão o primordial, desta decadência, é a escola, que intensifica preponderantemente, as faculdades psychicas, em detrimento da moral, e, da educação physica integral. Necessitamos de homens ilustrados, mas que cultivem equilibradamente o desenvolvimento de todos os órgãos e de todas as funcções.” (Jornal “O Nordeste”: 24/08/1922, p. 02). Assinada por P. Veríssimo.

<sup>15</sup> Ver “Cancha Desportiva” de 17/02/1940, p.p. 29 e 34. “O Valor da boa alimentação”, extraído da revista “Ed. Física”. Não assinada.

da pátria, de um atleta que desenvolve seus músculos, para um médico, ou dentista, ou professor, que pretende educar por meio da alimentação e do corpo.

É importante notar que a questão extrapola a oposição entre as classes sociais em busca de lazer. A classe operária em busca do lazer para além do trabalho, como incremento de novas práticas culturais; a classe dominante em busca do lazer em substituição ao trabalho, como elemento de desenvolvimento das funções musculares<sup>16</sup>. É interessante notar, ainda, que se trata de procedimentos discursivos múltiplos, ora servindo para discutir a educação infantil, ora servindo para debater e combater a degradação da raça brasileira. A questão socioeconômica do lazer é tocada como uma representação do mundo do trabalho, pois o que vem em primeiro plano neste tipo de prática discursiva é a própria gramática desta linguagem textual<sup>17</sup>.

De uma forma geral, o objetivo destes ensaios é fornecer subsídios que justifiquem a prática esportiva como sinônimo de saúde, seja por meio da pedagogia e reforma do ensino, ou pela importância que os músculos e a alimentação possam desempenhar na formação de uma pessoa. Esta prática discursiva possui uma diretriz acadêmica, científica, e é por isso mesmo que geralmente se assinam os nomes dos autores, ou se dá a referência de qual livro, ou revista veio a fundamentação do ensaio.

Exemplo desta diretriz acadêmica é a passagem seguinte, muito embora seja um ensaio não assinado: “As ciencias biologicas interpretadas por homens eminentes como Gullick, G. Stanley Hall<sup>18</sup>, McCurdy, McKenzie e Fisher, tem dado uma orientação a esta materia basica, estudando o indivíduo humano através da historia da raça”. (Jornal “Correio do Ceará”: 14/04/1930, p. 06).

A terceira forma de textos jornalísticos são as notícias pelo telégrafo. Estas são mais curtas, noticiando de forma rápida os acontecimentos esportivos de outras cidades brasileiras e internacionais, majoritariamente a vida esportiva da capital do país e os *raids*

---

<sup>16</sup>“A civilização moderna e também as duas ou três últimas tem verificado uma mudança radical em hábitos, métodos e costumes neuro-musculares. Durante séculos e séculos, o homem primitivo viveu uma vida nômade, fazendo largas excursões a pé, transportando todos os seus bens sobre os ombros, ao passo que nós viajamos em trens, automóveis, etc. com o mínimo uso dos nossos músculos.” Esta é a justificativa do esporte, segundo os ensaios de educação física, no interior de uma mudança dos “hábitos, métodos e costumes neuro-musculares”. (Jornal “Correio do Ceará”: 15/04/1930, p. 06). Não assinado.

<sup>17</sup> Simetricamente, nós “explicamos observações sobre um quadro”, sobre um objeto. (Baxandall: 2006, p. 31).

<sup>18</sup> Granville Stanley Hall (1844-1924) foi psicólogo pioneiro nos Estados Unidos, primeiro doutor em psicologia do país, ao estudar o desenvolvimento da criança (ontogênese) associado ao desenvolvimento da espécie (filogênese), ancorado na teoria da evolução da espécie de Darwin. Seu trabalho inicial intitulava-se “*The Contents of Childrens Minds*” (1883).

transatlânticos. Neste formato é que primeiramente são noticiadas as proezas da seleção brasileira.

Além disso, é através do telégrafo que se chega algumas polêmicas em torno do futebol, práticas políticas de atletas amadores e membros da Câmara e do Senado, tal qual o projeto de um vereador<sup>19</sup> que queria proibir a disputa de jogos da seleção em solo da cidade do Rio de Janeiro, ou a negação da delegação brasileira campeã do sul-americano de 1922 de receber qualquer prêmio em dinheiro, projeto de um senador<sup>20</sup> da mesma cidade.

São notícias que denunciam certos procedimentos, que representam certas práticas sociais tanto quanto dizem o que aconteceu, foi feito, quem fez, onde e como ocorreu tal jogo. O objetivo do telégrafo é informar e aproximar o mundo de Fortaleza. Sua diretriz é tecnológica, diz respeito ao incremento da velocidade da comunicação e informação, por isso a data antes de cada notícia.

Existem ainda os anúncios publicitários que gradativamente vão ocupando seus lugares nos jornais, mantendo-os, trazendo novidades técnicas e tecnológicas, como por exemplo, o próprio discurso de argumentação em favor do consumo de determinado produto, até a apresentação de um produto industrializado que substituiria os outros convencionais, ou retrógrados. Isso porque fornece mais subsídios (no caso de um produto alimentar: vitaminas, proteínas, carboidratos).

A “Quaker Oats<sup>21</sup>” (nova tecnologia) se utiliza desta nova forma de texto jornalístico (técnica) para convencer que seus produtos possuem mais substâncias para o desenvolvimento do corpo. A base de argumentação é a possibilidade de resistir com maior eficácia à competição esportiva e social, contribuindo para a formação do homem. Existem ainda as

---

<sup>19</sup> “Rio, 5 – Na Camara, os srs. Tavares Cavalcanti e Vicente Piragibe manifestaram-se favoráveis ao projecto Carlos Garcia, proibindo, no Brasil, os jogos internacionaes de *foot-ball*. Os srs. Gonçalves Maia e Aristides Rocha declararam-se contra o projecto, afirmando que o *foot-ball* concorre para o engrandecimento do País, com o fortalecimento da raça.” “A camara ocupa-se do foot-ball”. (Jornal “O Nordeste”: 06/10/1922, p. 02).

<sup>20</sup> “Rio, 27 – A Associação Brasileira de Desportos escreveu ao senador Benjamin Barroso, [autor?] do projecto concedendo 50 contos aos jogadores brasileiros que venceram o campeonato sul-americano de *foot-ball*, declarando que os mesmos não aceitarão qualquer premio em dinheiro.” “Os vencedores do campeonato não querem premio” (Jornal “O Nordeste”: 28/10/1922, p. 01).

<sup>21</sup> “A energia physica provem do alimento. Para se tomar logar de destaque nos sports – nos negócios – na escola – comam-se alimentos ricos em energia. (...) Coma-se Quaker Oats todos os dias.” (Jornal “Correio do Ceará”: 12/04/1930, p. 02).

empresas que se apresentam com seus nomes de fantasia vinculados ao esporte, como, por exemplo, a *Rotserie Sportman*<sup>22</sup>.

Os exemplos se multiplicam, mas o interessante é novamente perceber uma prática discursiva, como determinado tipo de texto se vincula ao esporte, ao futebol e à imprensa, para depois perceber as suas representações sociais e visões de mundo. Neste período, o encargo publicitário é se associar às atividades sociais mais “avançadas”, argumentando sobre a eficácia de seus produtos na resolução de problemas cotidianos e “modernos”. Sua diretriz é comercial, promovendo e sugerindo interessantes pontos de convergência entre o esporte e o consumo. Aspecto que será muito explorado pela publicidade, já em meados dos anos 1920.

Por fim, existem as colunas esportivas. Nesse tipo de texto impresso as crônicas são o gênero escolhido. Um aspecto interessante é perceber o que os cronistas consideram importante para descrever uma partida, como, por exemplo, o horário de jogo, o lugar, a escalação dos jogadores, os árbitros, o comportamento dos torcedores, o grau de expectativa e entrega durante a competição, a ética da competição, os fatores que interferem no calendário esportivo, qual a importância e o lugar da coluna esportiva no interior do jornal.

No entanto, o mais importante é que a crônica esportiva exerce certa função no próprio jogo. Se a imprensa ajuda a organizar o futebol, através dos canais de diálogo que abre com outros praticantes desse esporte (clubes, instituições, jogadores, torcedores/leitores, empresas), o jogador da imprensa é a crônica esportiva. Isso quer dizer que entre outras coisas as crônicas desempenham certo aspecto lúdico, que embora não sejam participes de uma competição, fazem da descrição do jogo, jogo com as palavras, metáforas do mundo social. Inclusive este é o sentido literal de uma metáfora, se referir a determinado objeto sem ser exatamente a coisa referida.

Neste aspecto, as metáforas de uma crônica de futebol são ao mesmo tempo representação social<sup>23</sup> e procedimento, objetivação de uma prática discursiva<sup>24</sup>. As metáforas

---

<sup>22</sup>“O melhor e maior hotel do Ceará actual”, pois é “O ponto mais central da capital e de reunião da fina flor da sua sociedade. (...) e é o que de melhor oferece a sua distinta e numerosa freguesia, pelos menores preços.” (Jornal “O Povo”: 12/02/1930, p. 02).

<sup>23</sup>“Apesar do sol causticante, realizou-se, ante-hontem, às 8h, ½ da manhã, com uma assistencia selecta e numerosa, o penúltimo ‘match’ do campeonato do corrente anno entre as equipas do sympathizados ‘Guarany A. Club’ e do ‘Ceará S. Club’. O jogo, que ocorreu na melhor ordem possível, teve phases verdadeiramente sensacionais. O ‘Ceará’, que se encontrava bastante terinado, conseguiu brilhante victoria sobre seu leal adversário, que se não fora a pessima actuação da sua linha de ‘fowards’, não teria sofrido a derrota de domingo. Apenas se salientou da linha de ataque do ‘Guarany’ o seu meia direita Braguinha, que por varias vezes, fez perigosas investidas ao ‘goal’ do alvi-negro. A defesa Guaranyense jogou bem, principalmente

operam dentro de uma gramática própria do futebol e representam aspectos sociais dele, numa simetria singular das crônicas esportivas. Aspecto que se mantém no interior do seu processo de especialização, se modificando as convenções desta gramática (que podemos entendê-la originalmente sob os auspícios do amadorismo e, posteriormente, sob os auspícios da profissionalização) e o referente representado (antes, clubes e jogadores distintos, depois, a própria nação e o jogador brasileiro).

Isto porque o cronista desempenha um papel, mesmo quando lhe empresta seu nome verdadeiro, de mascarar seu intuito de explicar os fenômenos sociais por meio de um gênero despretenso<sup>25</sup>. Aliás, essa despreensão se mostra mais latente quando os pseudônimos aparecem, como é o caso de *Free-kik*, *Goalkeeper*, *Yllus*, Jackie Fox, Ásfora Frazão e muitos outros seguidores desse gênero de escrita.

A falta de pretensão é a função ao mesmo tempo lúdica e estética da crônica esportiva, sendo esta a sua diretriz. Seu objetivo é descrever e representar o jogo, enquanto um acontecimento social e competição. Por isso os cronistas esportivos do período são tão adeptos dos pseudônimos, pois desempenham um papel, uma função enquanto autores (FOUCAULT: 2002; CHARTIER: 2012), que segue determinada diretriz, que é estética e lúdica. Segue abaixo um exemplo:

*Em a tarde desportiva de domingo ultimo, teve lugar o termino do 'torneio inicial' da "A.D.C.", encontrando-se no campo de peleja as aguerridas falanges do "Ceará" e do "America". Iniciado o match, às 3h e 45 com a sahida do alvi-negro, a luta travou-se renhidamente, estabelecendo-se o equilíbrio das forças. Os dianteiros cearenses ora procuravam a cidadela à guarda de Ubirajara; ora a linha*

---

Pinheiro, Vidal e Dico, este então assombrou, empolgou a assistência com as [maestraes?] defesas que fez. Terminou o jogo com a victoria do 'Ceará', pelo significante 'score' de 2 x 0, sendo que o 1º foi marcado por Abreu, 1 minuto antes de terminar o 1º 'half-time', e o segundo por Fox. Com o resultado do ultimo 'match', ficou o avi-negro com o titulo de campeão de 1922, em virtude do que em sua sede social, realizou-se à noite de domingo grande *réco-réco*." Se quisermos, aqui se encontra uma representação da prática do futebol, ao apresentar os elementos que compõe uma partida.

<sup>24</sup>Para Johan Huizinga (2008, p. 07), a linguagem também encerra certo aspecto lúdico, pois a convenção consciente do mundo é expressa por meio de um jogo de palavras, como é o caso da crônica esportiva. "Por detrás de toda expressão abstrata se oculta uma metáfora, e toda metáfora é jogo de palavras. Assim, ao dar expressão à vida, o homem cria um outro mundo, um mundo poético, ao lado do da natureza."

<sup>25</sup>A crônica é despretenso como jogo e como gênero literário. Segundo Sidney Chalhoub et.al. (2005) a crônica é um gênero em formação no Brasil entre os séculos XIX e XX, marcadamente caracterizada por sua relação com a imprensa, seu tom brejeiro e casual, seu aparente imediatismo e interpretação das "cousas miúdas" da vida, mas que justamente por isso se torna um gênero difícil de fazer e estudar, pois não assume a pretensão que tem de forma direta, por se tratar de algo que se lê em alguns minutos e dura apenas um dia. Já Huizinga (2008), afirma que o jogo enquanto função na cultura, tem como característica a liberdade e a autarquia, se justificando por ele mesmo, se caracterizando pela falta de pretensão material, muito embora algo ou alguma coisa esteja em jogo, muito embora seja encarado com seriedade e atenção.

*americana investia ao posto de ZéLavor. As defesas de ambos trabalhavam denodamente, cortando avanços, interceptando passes. Em todos se via o desejo de vencer, dado o grande entusiasmo da pugna. Findo o tempo regulamentar, nenhuma das equipes apresentava vantagens sobre a outra, pelo que, às 4 horas, foi prorrogado o tempo por mais 10 minutos. Os assédios revesavam-se e apugna tomava bellissimos aspectos. De um lado, o sempre glorioso ‘Ceará’ procurava manter-se brilhantemente; do outro lado os valentes players do ‘America’ empregavam todas as suas forças para a victoria do seu clube. Eis, porem, quando, inesperadamente, Acrisio commete um penalty que vem garantir ao ‘Ceará’, o triumpho da tarde, pois batida a penalidade por Victoria, a pelota aninha-se nas redes rubras, marcando assim o primeiro e único ponto cearense. Os americanos esmorecem um tanto, posto que continuem a agir com brilhantismo, com denodo e ardor. Finaliza-se a partida, enfim, às 4 h e 10, ficando o ‘Ceará’ detentor da ‘Taça Acacia’, pelo que enviamos os nossos cumprimentos. O America, que é o 2º colocado no torneio, ficou possuidor da ‘Esphera Lourenço Eiras’ e é merecedor também dos nossos encomios pela maneira brilhante com que se portou nas pelepas, claramente provando o seu denodo, o seu innegavel valor. Yllus<sup>26</sup> (Jornal “O Nordeste”: 03/05/1923, p. 02).*

Crônica sobre a partida final entre Ceará e América pelo título do Torneio Início. Destaque para o tom épico do jogo, onde duas falanges se encontram, se batem numa batalha cheia de movimento, ritmo, equilíbrio, beleza, acaso e ética. Destaque para o jogo metafórico das palavras para denotar os efeitos de equilíbrio, luta, beleza e ritmo, salientando que estas metáforas são próprias do procedimento estético e lúdico da crônica do período amador do futebol. Tais quais “cidadela à guarda”, “trabalhavam denodamente”, “grande entusiasmo da pugna”, “os assédios revesavam-se”, “a pugna tomava bellissimos aspectos”, “de um lado... do outro lado...”, “eis, porem, quando, inesperadamente, Acrisio commete um *penalty*”, etc.

Resta ainda comentar um último elemento que integra a estrutura do processo de especialização da crônica esportiva. Porém, esse elemento é externo à imprensa. Trata-se da fotografia, da percepção e do registro do jogo de futebol pela lente de uma câmera.

De forma simétrica, o futebol foi registrado, descrito e percebido tanto pela escrita quanto pela imagem<sup>27</sup>. E mesmo antes de ser incorporada à crônica esportiva, a fotografia já

<sup>26</sup> Personagem da mitologia grega, filho de Dárdano e Bátia.

<sup>27</sup> Se pensarmos na perspectiva de uma dimensão tridimensional da materialidade das representações visuais, tal como Ulpiano B. de Menezes (2000; 2003) pensou, a visualidade pode ser mediatizada entre objetos entre si, entre objetos e pessoas e entre objetos e pessoas mediatizadas por objetos. Dentre estes objetos mediatizados

estabelecia certas aproximações com o texto escrito, principalmente no que diz respeito à descrição do futebol como atividade de distinção social, ou do esporte como elemento de desenvolvimento da raça (por meio dos músculos).

No entanto, neste período inicial, a fotografia indica certos procedimentos e certas representações (apresentação e ausência) que vazam a pompa discursiva. Os jogadores vestem toda a parafernália sagrada e pomposa do futebol, com suas chuteiras, camisas e bermudas; posam para as fotos como se fizessem parte de um corpo único: o time; sorriem, são flagrados em pleno campo de jogo, são campeões da cidade. Mas são mestiços, têm apelidos jocosos e jogam num campo de areia batida sem estrutura nem para receber a torcida num lance de arquibancadas. A fotografia permite perceber dois procedimentos, um discursivo, da imagem de distinção social, o outro, de representação de como se processa a partida. Na imagem abaixo, estão perfilados da esquerda para a direita: Nonato, Thuríbio, Pirão, Roque, Arthur, Petter, Moacir, Calixto, Ju (os dois últimos não se sabe)<sup>28</sup>.



As representações sociais do futebol por meio da escrita também indicam certos elementos de como se processa uma partida de futebol, apresentando também vazamentos se comparados a prática discursiva e a representação da prática. O interessante deste momento inicial da relação entre texto e imagem é a comparação de seus procedimentos e representações, muito embora sejam diferentes. Quanto ao período em que a fotografia integra a própria crônica esportiva, mesmo que se relacione com o texto como ilustração, segue o mesmo raciocínio, pois texto e imagem conformam a especialização desse gênero literário.

---

entre si, estão as linguagens escrita e visual. E estes objetos, claro, possuem usos e funções em suas relações. Para Manoel Luiz Salgado (2007), o próprio texto escrito possui uma visualidade do passado, permitindo pensar suas estratégias sócio-políticas.

<sup>28</sup>Fortaleza campeão de 1924. Foto do acervo “Fortaleza Sporting Club”, do Museu da Imagem e do Som do Ceará.

Quero concluir, ao fim desta descrição, que o processo de especialização da crônica de esportes se deu com a conformação de todos estes elementos em suas colunas e suplementos esportivos. E, muito embora, ainda não esteja esclarecido como esta estrutura da imprensa se relaciona com a profissionalização do futebol, nem o que esta profissionalização significa na prática, coisa ainda por descrever, entendo que as duas coisas (imprensa e futebol) caminham juntas, pois a mudança da estrutura da imprensa se deu por conta de uma mudança na gramática do jogo, que deixou de ser amador, passou a ser profissional, modificando os procedimentos e a prática discursiva da crônica esportiva.

### **Bibliografia**

- BAXANDALL, Michael. Padrões de intenção. São Paulo: Cia das Letras, 2006.
- CAPRARO, André Mendes. **Identidades imaginadas: futebol e nação na crônica esportiva brasileira do século XX.** Tese. Curitiba: UFPR, 2007.
- CHARTIER, Roger. **História Cultural: entre práticas e representações.** Algés: Difel, 2002.
- \_\_\_\_\_. **O que é um autor?** Revisão de uma genealogia. São Carlos: Edufscar, 2012.
- FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso:** aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de fevereiro de 1970. São Paulo: Ed. Loyola, 2011.
- \_\_\_\_\_. **O que é um autor?** Vega, 2002.
- FRANCO JÚNIOR, Hilário. **A dança dos deuses: futebol, cultura e sociedade.** São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- GUIMARÃES, Manoel L. S. **Vendo o passado: representação e escrita da história.** São Paulo: Anais do Museu Paulista. N. ser. v. 15. n. 2. p.p. 11-30. jul-dez. 2007.
- HUIZINGA, J. **Homo ludens.** São Paulo: Perspectiva, 2008.
- MENEZES, Ulpiano T. B. **Fontes visuais.** Balanço provisório, propostas cautelares. São Paulo: Revista Brasileira de História, v. 23, nº 45, p.p. 11-36, 2003.
- \_\_\_\_\_. **O fogão da Société Anonyme du Gaz.** Sugestões para uma leitura histórica da imagem publicitária. São Paulo: Proj. História, 21, nov. 2000.
- PINTO, Rodrigo Márcio S. **Do passeio público à ferrovia: o futebol proletário em Fortaleza (1904-1945).** Dissertação. Fortaleza: UFC, 2005.
- MIRANDA, Leonardo Affonso P. **Footballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro.** Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira, 2000.

# XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH  
BRASIL

VEYNE, Paul. **Como se escreve a história e Foucault revoluciona a história**. Brasília: UNB, 2008.